

Escolas voltam às aulas com “turmas bolha” e plano B via Internet

Alunos do internacional e do privado começam a regressar às salas na próxima semana

Pandemia de covid faz de “incerteza” a palavra forte no início deste ano letivo



Na PaRK, uma linha indica o espaço de professores e alunos

Alexandra Figueira
afigueira@jn.pt

EDUCAÇÃO Escolas internacionais, colégios e creches prepararam o regresso às aulas, na próxima semana, com “turmas bolha” e ensino à distância, como plano B, caso a pandemia de covid venha a condicionar o ensino presencial. Estas escolas começam a receber alunos a partir de 1 de setembro, pelo que estão a ultimar preparativos para minimizar as hipóteses de contágio. A partir do dia 14, será a vez de as escolas públicas iniciarem um ano letivo atravessado de incertezas.

Uma medida comum nas escolas internacionais é a organização por bolhas, na qual cada turma tem horários e circuitos que minimizam o contacto com outras

turmas. Assim se diminui a hipótese de contágio e, se algum aluno adoecer, só a sua turma irá para casa. Na PaRK Internacional, em Lisboa, a presidente Barbara Lancastre especificou que foi atribuída uma cor a cada bolha: “Os circuitos, salas, casas de banho e zonas de recreio encontram-se marcadas com a cor de cada Bubble”.

EQUILIBRAR SEGURANÇA E ENSINO

A par do sistema de bolha, as escolas criaram vários circuitos e horários desfasados (de entrada, saída e refeição) e reforçaram a limpeza. O objetivo, disse Rita Dantas, da comunicação da Deutsche Schule Lissabon, é “garantir a higiene e desinfeção regular dos espaços e impedir ao máximo o cruzamento entre

grupos” e, em paralelo, “manter um ambiente de alguma normalidade e uma atmosfera de aprendizagem positiva”.

Muitas escolas vão, ainda, medir a temperatura aos alunos ou pedir aos pais que o façam, em casa. Quanto aos professores, a Oporto British School é uma das instituições que compraram testes, para se certificar que não estão doentes – pelo menos no início do ano. Além disso, tentará saber onde docentes e estudantes passaram férias. Se tiverem estado numa zona de risco, disse Mafalda Pinto, do gabinete de comunicação, “serão aconselhados a ter aulas remotamente no início do ano”.

O ensino à distância está, aliás, previsto pela generalidade das escolas, caso a evolução da pandemia obrigue a um regime misto de aulas (presencial ou à distância) ou até 100% pela internet. A Carlucci American International School Of Lisbon está entre as que admitem fazê-lo logo no início do ano, por exceção. É o caso dos alunos que tenham que ficar em casa ou fiquem retidos noutros países, afirmou Maria Barral, responsável pela comunicação.

Na St. Dominic’s International, o plano de regresso às aulas está certificado por um auditor externo, assegurou Catarina Formigo, da direção da escola: “O nosso plano foi auditado pelo Instituto de Soldadura e Qualidade, somos a única escola com o selo de garantia Covid Out”. ●



O jardim escola João de Deus, no Porto, tem só uma turma

REPORTAGEM

“No outono, temos que ter calma”

Porto João de Deus planeia usar recreios como sala de aulas quando não estiver demasiado frio

Alexandra Figueira
afigueira@jn.pt

No recreio de trás, secam ao sol os catres em que os meninos de três anos vão dormir a sesta, a partir da próxima semana. Foram lavados e desinfectados, tal como tudo o resto no jardim escola João de Deus do Porto: colchões de ginástica e raquetes, brinquedos, secretárias e cadeiras, material didático ou casas de banho.

À frente, noutro recreio, brincam algumas das 30 crianças que têm passado o verão na João de Deus, enquanto as funcionárias fazem uma barreira à escola, antevendo a reabertura do ano letivo, quando os meninos se vão multiplicar por

quatro ou cinco. “A associação fez um grande investimento, em higiene, em máscaras e batas, em panos de cozinha e papel de mãos e numa desinfeção uma vez por mês, com o Zoono”, conta Paula Ferreira, presidente do conselho diretivo.

O jardim escola do Porto tem um espaço exterior que rodeia o edifício, várias portas de saída das salas e cozinha, dois portões de entrada, janelas ao correr de todas as paredes. “Temos que saber jogar com o que temos”, diz Paula Ferreira. Os recreios, por exemplo, podem ser usados como sala. “Queremos que tenham aulas cá fora, quando não estiver frio, já pedi aos pais que tragam galochas e impermeáveis”.



ARTUR MACHADO / GLOBAL IMAGES

Por ano de escolaridade, com meninos dos três aos dez anos



Película aderente indica os brinquedos a desinfetar



Paula Ferreira
Diretora pedagógica

“Digo aos professores e às funcionárias que temos que ser egoístas: devemos proteger as crianças, mas também temos de nos proteger a nós próprios e às nossas famílias”

A preparação para coexistir com a covid começa no portão, onde um aviso faz saber que os adultos não podem entrar sem máscara. Logo adiante, as setas pintadas no chão indicam onde devem esperar, até deixarem os filhos no edifício. A partir daí, só haverá alunos, professores e funcionárias.

O calçado será desinfetado num pedilúvio, um tapete colocado em três das entradas no edifício. E a roupa será coberta por bibes e batas que só sairão da escola à sexta-feira, para serem lavados. “Não queremos que estejam na escola com bibes que trouxeram de fora e que podem estar contaminados”, explica Paula Ferreira.

O mesmo vale para profes-

sores e funcionárias. “Temos que ser egoístas: devemos proteger as crianças, mas também temos de nos proteger a nós próprios e às nossas famílias”. Até porque as crianças não usarão máscara e podem ser vetores de transmissão.

Para já, o calor ajuda, mas o frio, a chuva e as mudanças súbitas de temperatura vão trazer gripes e constipações, cujos sintomas são iguais aos da covid. “Vai ser um problema sério”, sobretudo se não houver orientações mais detalhadas da Direção-Geral de Saúde. Às escolas e aos pais, diz, compete prevenir o mais possível e não entrar em pânico. “No outono, temos todos que ter calma”. ●

Colégios e creches à espera de novas orientações da DGS

Falta de educadores torna mais difícil acolhimento em horários alargados

PRIVADOS As creches e os colégios recebem alunos a partir da próxima semana e esperam que a Direção-Geral da Saúde (DGS) publique novas orientações. Uma das preocupações é como agir quando os estudantes tiverem sintomas de gripe – iguais aos da covid.

“Vamos ajustar os planos de contingência ao que a DGS disser. Imagine: mandar para casa quem tiver dois de três sintomas”, exemplifica Rodrigo Queiroz e Melo, da Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo. Susana Baptista, da Associação de Creches e Pequenos Estabelecimentos de Ensino, não está otimista: “Não vai ser fácil, precisamos de orientações da DGS”.

Nas creches, outra grande preocupação é a falta de educadores para separar as turmas no acolhimento, de manhã cedo, antes da entrada nas salas. No ano passado, disse Susana Baptista, as crianças eram acolhidas num espaço comum. O mesmo acontecia entre o fim das aulas e a hora a que os pais iam buscar os filhos.

Agora terão que evitar o mais possível o contacto entre turmas, para minimizar a transmissão de covid. Mas não há funcionárias ou educadoras suficientes para acompanhar cada turma, por vezes das 7.30 horas até às 20 horas. “Uma solução será permitir que os pais entreguem as crianças em grupos diferenciados, por exemplo, meninos da creche num lado e do jardim de infância do outro”, admite.

A separação das turmas é também uma preocupação dos colégios, mas Queiroz de Melo avisa que o seu efeito pode ser anulado quando os alunos saírem da escola: “Basta que dois irmãos vão

no mesmo carro para casa, ou que vão a uma festa de aniversário”.

Quanto às máscaras, ambos garantem que seguirão as normas da DGS, que obriga ao uso a partir dos dez anos. Esta semana, a Organização Mundial de Saúde atualizou as suas orientações e já admite o uso a partir dos seis anos, em certas condições. O JN questionou a DGS, mas não teve resposta em tempo útil. ● A. F.

PLANOS

Pais querem mais informação das escolas

Poderá haver pais que tenham receio de levar os filhos à escola, mas serão a minoria, sobretudo se as escolas os informarem dos seus planos. “As escolas ainda não estão a dar informações concretas sobre o que estão a fazer”, diz Jorge Ascensão, da Confederação de Associações de Pais, a Confap. Os horários, por exemplo, estão a deixar muitos pais em suspenso, sem saber como organizar o dia. Jorge Ascensão tem insistido que os pais (e as autarquias) devam estar a ser ouvidos. “É bom que todos assumam a sua responsabilidade, para que não tenhamos todos que voltar a confiar”. Quanto aos professores, a Fenprof ameaça com uma greve se o Governo não aumentar a segurança nas escolas, como reduzir o número de alunos por turma.

PELO MUNDO

Espanha
Galiza terá máscaras a partir dos seis anos
Na Galiza e em Madrid, as crianças a partir dos seis anos terão que usar máscara. Os professores galegos terão testes serológicos. Na capital, as turmas terão um máximo de 20 alunos.

Alemanha
Dois surtos mandam mil para casa
As aulas já começaram em alguns estados e a máscara é obrigatória nos espaços comuns, mas não nas salas. O Governo recomenda que as escolas dividam os alunos em grupos, para minimizar o contágio. Mas dois surtos já mandaram mil alunos para casa.

Finlândia
Turmas pequenas ajudam a distanciar
Já antes da pandemia, tinha turmas com 15 a 17 alunos. Agora, a Finlândia desencontrou horários e deixou opcional o uso de máscara. Se o contágio distanciar, vai ensinar à distância os alunos mais velhos, em semanas alternadas.

Reino Unido
Escócia já avançou e sem máscara
As aulas já começaram na Escócia, sem indicação de distanciamento entre os alunos (dois metros entre alunos e professores, sempre que possível) ou máscara obrigatória. Se vier a ser necessária, será só nos espaços comuns.

Itália
Máscara e temperatura dividem o país
Foram compradas 2,4 milhões de carteiras individuais e 11 milhões de máscaras, mas as diferentes autoridades não se entendem quanto à obrigação de usar proteção facial ou medir a temperatura dos alunos.